

Sustentabilidade Social na Internacionalização: Saúde Mental e o Papel do Grupo de Conversação em Português

Social Sustainability in Internationalization: Mental Health and the Role of the Portuguese Conversation Group

Sostenibilidad Social en la Internacionalización: la Salud Mental y el Papel del Grupo de Conversación Portugués

Grupo temático 01 - Ensino, pesquisa e extensão no Campo de Públicas

Luiz Fernando Nascentes Campos, Universidade Federal de Uberlândia

Daniella Storti Caratta, Universidade Federal de Uberlândia

Etienne Cardoso Abdala, Universidade Federal de Uberlândia

Márcia Freire de Oliveira, Universidade Federal de Uberlândia

Vivian Duarte Couto Fernandes, Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

O Brasil tem se consolidado como destino atrativo para estudantes internacionais devido ao crescente investimento das universidades na internacionalização. Contudo, esse processo ainda é incipiente nas instituições brasileiras, especialmente nas federais, e um dos desafios mais evidentes refere-se à saúde mental dos estudantes estrangeiros. Para prevenir evasão, favorecer a integração social e fortalecer os programas de internacionalização, este estudo propõe a criação de um Grupo de Conversação em português com foco em Saúde Mental e Bem-Estar, configurado como uma inovação social orientada ao acolhimento. A metodologia combina revisão bibliográfica sobre internacionalização do ensino superior, saúde mental estudantil e sustentabilidade social, além de análise documental de programas como CAPES-PrInt, PEC-G e GCUB. O diagnóstico aponta fragilidades estruturais nas IFES, como ausência de suporte psicossocial e intercultural, barreiras linguísticas e falta de estratégias integradas de acolhimento. Os estudantes, por sua vez, vivenciam sofrimento psicológico decorrente de preconceito, discriminação, isolamento e dificuldades financeiras, fatores que comprometem sua permanência, bem-estar e desempenho acadêmico, impactando diretamente os objetivos da internacionalização. A proposta do grupo atua como espaço de acolhimento, escuta ativa e promoção da integração linguística e social, sem configurações terapêuticas. Sua relevância e originalidade estão na combinação entre prática do idioma e suporte psicossocial, integrando cuidado, inclusão e aprendizagem. Teoricamente, alinha a internacionalização à sustentabilidade social e aos ODS 4, 10 e 17. Metodologicamente, oferece intervenção de baixo custo, replicável e mediada por profissionais qualificados. Socialmente, contribui para reduzir desigualdades, prevenir evasão, fortalecer redes de apoio e promover ambientes universitários mais inclusivos e humanizados.

Palavras-chave: Internacionalização do Ensino Superior. Saúde Mental na Educação. Sustentabilidade Social. Suporte Psicossocial. Inclusão Acadêmica Intercultural.

ABSTRACT

Brazil has established itself as an attractive destination for international students due to the growing investment of universities in internationalization. However, this process is still incipient in Brazilian institutions, especially federal ones, and one of the most evident challenges concerns the mental health of foreign students. To prevent dropout, promote social integration, and strengthen internationalization programs, this study proposes the creation of a Portuguese-language Conversation Group focused on Mental Health and Well-being, configured as a social innovation oriented towards welcoming students. The methodology combines a literature review on the internationalization of higher education, student mental health, and social sustainability, as well as a document analysis of programs such as CAPES-PrInt, PEC-G, and GCUB. The diagnosis points to structural weaknesses in federal higher education institutions, such as a lack of psychosocial and intercultural support, language barriers, and a lack of integrated welcoming strategies. Students, in turn, experience psychological suffering resulting from prejudice, discrimination, isolation, and financial difficulties, factors that compromise their retention, well-

being, and academic performance, directly impacting the objectives of internationalization. The group's proposal acts as a welcoming space, offering active listening and promoting linguistic and social integration, without therapeutic approaches. Its relevance and originality lie in the combination of language practice and psychosocial support, integrating care, inclusion, and learning. Theoretically, it aligns internationalization with social sustainability and SDGs 4, 10, and 17. Methodologically, it offers low-cost, replicable intervention mediated by qualified professionals. Socially, it contributes to reducing inequalities, preventing dropout, strengthening support networks, and promoting more inclusive and humanized university environments.

Keywords: Internationalization of Higher Education. Mental Health in Education. Social Sustainability. Psychosocial Support. Intercultural Academic Inclusion.

RESUMEN

Brasil se ha consolidado como un destino atractivo para estudiantes internacionales gracias a la creciente inversión universitaria en internacionalización. Sin embargo, este proceso aún es incipiente en las instituciones brasileñas, especialmente en las federales, y uno de los desafíos más evidentes se refiere a la salud mental de los estudiantes extranjeros. Para prevenir la deserción escolar, promover la integración social y fortalecer los programas de internacionalización, este estudio propone la creación de un Grupo de Conversación en Portugués centrado en la Salud Mental y el Bienestar, configurado como una innovación social orientada a la acogida de estudiantes. La metodología combina una revisión bibliográfica sobre la internacionalización de la educación superior, la salud mental estudiantil y la sostenibilidad social, así como un análisis documental de programas como CAPES-PrInt, PEC-G y GCUB. El diagnóstico señala debilidades estructurales en las instituciones federales de educación superior, como la falta de apoyo psicosocial e intercultural, las barreras lingüísticas y la falta de estrategias integradas de acogida. Los estudiantes, a su vez, experimentan sufrimiento psicológico derivado de prejuicios, discriminación, aislamiento y dificultades económicas, factores que comprometen su permanencia, bienestar y rendimiento académico, impactando directamente en los objetivos de la internacionalización. La propuesta del grupo funciona como un espacio acogedor, que ofrece escucha activa y promueve la integración lingüística y social, sin enfoques terapéuticos. Su relevancia y originalidad residen en la combinación de la práctica lingüística y el apoyo psicosocial, integrando la atención, la inclusión y el aprendizaje. Teóricamente, alinea la internacionalización con la sostenibilidad social y los ODS 4, 10 y 17. Metodológicamente, ofrece una intervención replicable y de bajo costo, mediada por profesionales cualificados. Socialmente, contribuye a reducir las desigualdades, prevenir el abandono escolar, fortalecer las redes de apoyo y promover entornos universitarios más inclusivos y humanizados.

Palabras clave: Internacionalización de la Educación Superior. Salud Mental en la Educación. Sostenibilidad Social. Apoyo Psicosocial. Inclusión Académica Intercultural.

1. Introdução:

O Brasil está se tornando um destino cada vez mais atraente para estudantes estrangeiros, graças ao forte investimento de suas universidades em internacionalização (Teixeira et al., 2021). Programas como o Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras (GCUB), o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e o Programa Institucional de Internacionalização da CAPES (CAPES-PrInt) facilitam o acesso de alunos de outros países a instituições brasileiras, especialmente as públicas federais. Essa busca por parcerias globais enriquece o ambiente acadêmico, oferecendo a estudantes internacionais mais oportunidades de ensino e pesquisa em um cenário educacional em expansão (Oliveira et al., 2020).

O Programa CAPES-PrInt, instituído em 2017, configura-se como uma política de fomento voltada à internacionalização da pós-graduação stricto sensu no Brasil. Sua proposta central consiste em apoiar a elaboração e consolidação de planos institucionais de internacionalização, favorecendo a criação de redes de pesquisa internacionais que ampliem a qualidade da produção acadêmica. O primeiro edital contemplou 36 projetos, sendo a maioria em universidades federais, o que reforça o protagonismo destas instituições nesse processo. Além disso, o programa estimula a mobilidade acadêmica de discentes e docentes, tanto para o exterior quanto para o Brasil, fortalecendo a cooperação científica internacional (Leão et al., 2024).

Já o PEC-G, criado em 1965, constitui um importante instrumento da política externa brasileira voltado à cooperação Sul-Sul. A iniciativa promove a internacionalização ativa (inbound) ao viabilizar o acesso de

RELATO TÉCNICO

estudantes de nações em desenvolvimento da África, Ásia, América Latina e Caribe às instituições de ensino superior do Brasil. Por sua longevidade e alcance, o programa representa uma contribuição histórica e significativa para o fluxo de discentes estrangeiros no país, fortalecendo os laços acadêmicos com o Sul global (Neves; Barbosa, 2020; Trindade; Gaia; Silva, 2023).

Outro importante instrumento que fomenta a internacionalização nas universidades brasileiras é o GCUB. Trata-se de uma associação civil sem fins lucrativos, fundada em 2008 como Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras e rebatizada em 2020. Atualmente, possui 96 universidades brasileiras e 6 instituições estrangeiras cadastradas e conta com o apoio no Brasil de órgãos como o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério das Relações Exteriores (MRE). Sua missão principal é promover a internacionalização universitária, o desenvolvimento humano e a difusão do conhecimento, pautado em princípios como responsabilidade social e ambiental, promoção da paz, inclusão social e respeito aos direitos humanos (Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras, 2025).

A implementação de programas de internacionalização demonstra o impacto transformador que o intercâmbio de saberes e vivências globais exerce sobre a educação superior. Essa estratégia é um pilar para o amadurecimento e fortalecimento das instituições, que passam a se beneficiar de um ambiente acadêmico mais plural e dinâmico. Ao valorizar a diversidade cultural, estimula-se não apenas o enriquecimento do campus, mas também a criação de novas linhas de pesquisa e abordagens investigativas. Consequentemente, essa transformação reverbera em toda a comunidade, aprimorando de forma decisiva a qualidade da formação oferecida aos estudantes e elevando o alcance e a relevância da produção científica (Carvalho; Araújo, 2020).

A internacionalização universitária, segundo Knight (2020), não deve abarcar razões ou resultados nem se basear em atividades, mas deve servir para múltiplas finalidades, sendo algo em constante transformação, contribuindo para objetivos como melhoria da qualidade da educação, o aumento do acesso e serviço à sociedade, dentre outros. Ainda, segundo a autora, a internacionalização vai muito além dos benefícios econômicos e comerciais, da influência geopolítica, da melhora em rankings e deve servir para a formação de cidadãos globais e como forma de cooperação em pesquisas para enfrentar desafios mundiais.

Nesse contexto, estudantes oriundos do Sul Global encontram, na vinda ao Brasil, um elemento significativo para a conquista de prestígio e para a construção de trajetórias de vida pautadas pelo esforço e pelo reconhecimento. Conforme aponta Moraes (2012), a experiência em território brasileiro ultrapassa o aspecto formativo, pois a recepção nas instituições de ensino influencia diretamente sua inserção acadêmica e social. Nesse processo, as imagens e representações associadas ao Brasil tornam-se recursos simbólicos importantes, integrando seus exercícios de diferenciação e valorização, tanto em seus cotidianos quanto em suas perspectivas de desenvolvimento pessoal e profissional.

Apesar de significativos avanços, Neves e Barbosa (2020) mostram que a internacionalização nas instituições brasileiras permanece incipiente, sobretudo quanto às condições internas do campus. As autoras destacam que persistem grandes desafios, como a baixa atração de pesquisadores e estudantes estrangeiros, a ausência de cursos ministrados em outros idiomas, a carência de programas conjuntos internacionais e a pouca fluência em línguas estrangeiras entre o corpo técnico. Além disso, a própria identificação e sistematização dessas ações tornam-se complexas diante da falta de clareza e de estratégias consolidadas.

Ao realizar uma revisão de escopo sobre a adaptação de estudantes universitários estrangeiros no Brasil, Zembruski, Santos e Nihei (2020) identificaram que a saúde mental é um fator que deve receber a devida atenção, a fim de evitar a evasão e possibilitar uma integração social desses alunos, além do próprio desenvolvimento dos programas de internacionalização das universidades públicas. Os autores identificaram que esses estudantes enfrentam sofrimento psicológico, principalmente, causados por “preconceito, discriminação, distância afetiva da família e dificuldades financeiras” (Zembruski; Santos; Nihei, 2020, p.30).

Segundo Knight (2020), a internacionalização nas Instituições de Ensino Superior (IES) ainda enfrenta limitações significativas decorrentes da ausência de suporte administrativo, organizacional e psicológico. Essa lacuna contribui para a marginalização social e acadêmica e para tensões étnico-raciais vivenciadas por estudantes estrangeiros. A inexistência de uma estratégia nacional articulada agrava este cenário, dispersando esforços de atração, acolhimento e integração.

Com base no exposto, o objetivo deste PTT é propor e discutir um Grupo de Conversação em português focado em Saúde Mental e Bem-Estar para estudantes internacionais de graduação e pós-graduação, como inovação socialmente orientada.

2. Diagnóstico da situação

A metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados que embasam este diagnóstico consistiu na revisão bibliográfica e documental. A análise documental concentrou-se nos principais programas de fomento à internacionalização no Brasil, como CAPES-PrInt, PEC-G e GCUB, com o objetivo de compreender o contexto e os mecanismos de sua implementação.

A revisão bibliográfica, por sua vez, compreendeu o levantamento e a análise crítica das principais produções acadêmicas relacionadas ao tema, permitindo identificar lacunas, tendências e contribuições relevantes. Essa etapa possibilitou uma compreensão aprofundada da situação-problema, evidenciando causas, como a insuficiência de preparo institucional, e efeitos adversos, como a exclusão e o sofrimento psicológico da população-alvo, além de sustentar a articulação da proposta com o arcabouço teórico da sustentabilidade social e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A presença de estudantes estrangeiros, especialmente de países em desenvolvimento, evidencia desafios recorrentes. Entre eles, destacam-se a ausência de um direcionamento estratégico consistente (Heinzle; Pereira, 2023) que gera oscilações entre perspectivas mercantilistas e científico-sociais (Santos; Zanardini; Hotz, 2022); o risco de uniformização da ciência, desconsiderando especificidades locais (Neves; Barbosa, 2020); as barreiras linguísticas, que dificultam publicações, a circulação do conhecimento e a atração acadêmica internacional (Della Mèa; Veiga; Bolzan, 2019; Neves; Barbosa, 2020); os entraves financeiros que limitam a participação acadêmica (Trindade; Gaia; Silva, 2023); a carência de preparo institucional (Miranda; Stallivieri, 2017), além de cenários de isolamento e marginalização, levando a baixa autoestima dos estudantes em situação de mobilidade (Guo; Chase, 2011). Tais fatores impactam a permanência e o desempenho dos discentes internacionais, comprometendo as metas da internacionalização e a efetividade de importantes programas de fomento.

Ramos (2018) ressalta que a ausência de sistemas administrativos eficientes, de políticas institucionais e de gestão profissional nas instituições de ensino superior são fatores que dificultam o desenvolvimento de contatos em processos de cooperação mais significativos e sustentados. Miranda e Stallivieri (2017) destacam ainda que muitas instituições de ensino superior apresentam deficiências na elaboração, implementação e execução de políticas institucionais voltadas à internacionalização de forma integral. Além disso, apontam limitações estruturais, como a falta de infraestrutura adequada e a dificuldade de adaptação ou indisponibilidade das comunidades estrangeiras. Esses fatores restringem a capacidade das universidades de promover a integração e a cooperação acadêmica internacional, reforçando a necessidade de programas ou ações específicas que superem tais obstáculos e fortaleçam a internacionalização institucional.

O processo de internacionalização receptiva, ou internacionalização ativa, é fundamental para transformar uma instituição de ensino superior (IES) em um polo de relevância global, o que se manifesta pelo fluxo de entrada de discentes e pesquisadores estrangeiros. O sucesso dessa estratégia depende diretamente da postura proativa da instituição em se abrir para o mundo e desenvolver programas que a tornem um destino atraente. Diante disso, à medida que a universidade atinge esse objetivo, torna-se imprescindível criar mecanismos que garantam não apenas a chegada, mas também a integração bem-sucedida desses acadêmicos ao novo ambiente (Marrara, 2007).

Guo e Chase (2011) discutem os desafios de tornar a internacionalização da educação superior mais inclusiva, tomando como exemplo um programa de internacionalização em uma universidade canadense. O estudo mostra que, embora as universidades do país tenham avançado nesse processo, muitos estudantes estrangeiros ainda enfrentam dificuldades de adaptação ao ambiente acadêmico, que lhes é pouco familiar. Essas dificuldades se manifestam em sentimentos de isolamento, marginalização, alienação e baixa autoestima. Diante disso, os autores ressaltam a importância de programas que ofereçam suporte e acolhimento, de modo a tornar a experiência de intercâmbio mais significativa e enriquecedora para os alunos.

Segundo De Wit (2019), a internacionalização do ensino superior deve evoluir de um modelo elitista e exclusivo para uma abordagem inclusiva e acessível, direcionando atenção urgente a essa necessidade. Essa transformação implica um processo intencional de integração da dimensão internacional, intercultural ou global nas funções da educação pós-secundária, visando aprimorar a qualidade do ensino e da pesquisa para todos os estudantes e docentes, garantindo assim uma contribuição significativa para uma sociedade mais equitativa e justa. Além disso, a análise se conecta diretamente aos seguintes Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: ODS 4 – Educação de Qualidade; ODS 10 – Redução das Desigualdades e ODS 17 – Parcerias e meios de implementação.

Enquanto a ODS 4 – Educação de Qualidade se preocupa em garantir o acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos, a ODS 10 – Redução das Desigualdades objetiva reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles; por fim, a ODS 17 – Parcerias e meios de implementação se propõe a fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável. Diante disso, a relevância desse problema se insere no campo da

sustentabilidade social, uma dimensão essencial para garantir que a internacionalização não se limite à mobilidade física, mas se converta em práticas inclusivas, equitativas e transformadoras.

A sustentabilidade é composta de três dimensões que se relacionam: econômica, ambiental e social, também conhecidas como *triple bottom line*. De acordo com Barbieri (2010), uma organização sustentável é aquela que simultaneamente procura ser eficiente em termos econômicos, respeitar a capacidade de suporte do meio ambiente e ser instrumento de justiça social, promovendo a inclusão social, a proteção às minorias e grupos vulneráveis, o equilíbrio entre os gêneros etc.

A dimensão social consiste no aspecto relacionado às qualidades dos seres humanos, como suas habilidades, dedicação e experiências, abrangendo tanto o ambiente interno da empresa quanto o externo (Almeida, 2002 apud Claro, 2008). Essa dimensão da sustentabilidade se preocupa com os impactos sociais nas comunidades e seus reflexos em desemprego, exclusão social, pobreza, diversidade organizacional, entre outros. No contexto de uma universidade pública, essa preocupação abrange docentes, técnico-administrativos, discentes - inclusive oriundos da internacionalização, fornecedores, parceiros, órgãos governamentais e a comunidade na qual está inserida. Além disso,

o direito social à educação talvez seja o mais abalizado a produzir efeitos para as gerações futuras, pois a boa qualidade da educação tem o poder de transformar o mundo, para tanto, esse direito precisa ser ampliado e não mitigado, precisa ser prioridade e não posterioridade, necessita ser inclusivo e não excludente, precisa ser sustentável e não insustentável [...] (Gomes e Ferreira, 2018, p. 162-163).

3. Proposta de intervenção

A proposta central deste PTT consiste na criação de um Grupo de Conversação em português focado em Saúde Mental e Bem-Estar, definido como uma inovação socialmente orientada. Esta ação é desenhada especificamente para preencher as lacunas identificadas no diagnóstico, aplicando conhecimentos teórico-científicos para resolver os problemas de acolhimento e integração de estudantes internacionais.

Conforme demonstrado no diagnóstico, os discentes internacionais estão vulneráveis a desafios psicossociais significativos, notadamente o isolamento e a marginalização (Guo; Chase, 2011; Zembrzusi; Santos; Nihei, 2020). Essas dificuldades impactam diretamente a autoestima e o processo de adaptação ao novo ambiente. Tais cenários de exclusão funcionam como obstáculos à integração efetiva e ao rendimento acadêmico, podendo, em casos extremos, culminar na consideração da desistência do programa de intercâmbio.

Nesse contexto, a implementação de grupos de conversação surge como uma estratégia de intervenção proativa. Estes grupos funcionam como espaços estruturados de acolhimento e escuta ativa, visando mitigar o isolamento social. A iniciativa fomenta a integração social e acadêmica, facilitando o estabelecimento de redes de apoio mútuo, que são fundamentais para o bem-estar e a permanência do estudante (Guo; Chase, 2011; Zembrzusi; Santos; Nihei, 2020).

Conforme demonstrado, outra questão relevante são as barreiras linguísticas, identificadas como obstáculos recorrentes na mobilidade acadêmica, prejudicando a circulação do conhecimento e a atração de talentos internacionais (Della Méa; Veiga; Bolzan, 2019; Neves; Barbosa, 2020). A estratégia proposta difere dos cursos idiomáticos tradicionais ao focar no português não como um fim em si, mas como um vetor de integração. O grupo de conversação oferece um ambiente de baixa pressão, propício para a prática linguística aplicada a questões de adaptação. Dessa forma, a iniciativa tem entre os objetivos mitigar os desafios do idioma de maneira funcional e acolhedora, utilizando a comunicação como ferramenta central para a integração social e acadêmica do estudante internacional.

A intervenção delineada é central para enfrentar o sofrimento psicológico vivenciado por estudantes internacionais, uma condição intensificada por múltiplos elementos fragilizadores. Knight (2020) destaca que os estudantes nacionais frequentemente demonstram resistência ou, no mínimo, neutralidade em se engajar socialmente ou em desenvolver projetos acadêmicos conjuntos com seus colegas internacionais. Segundo a autora, essa barreira à integração tende a persistir, a menos que sejam desenvolvidos programas específicos pela universidade para fomentar ativamente essa interação.

Entretanto, o diagnóstico evidenciou fragilidades institucionais expressivas nas IFES, especialmente no que concerne à inexistência de suporte psicológico voltado aos estudantes. Diante disso, o grupo de conversação é concebido como estratégia de intervenção destinada a suprir essa carência, promovendo um espaço de acolhimento e escuta qualificada. Tal iniciativa visa minimizar o sofrimento psíquico e fortalecer os processos de adaptação e bem-estar estudantil, aspectos ainda insuficientemente contemplados nas estruturas institucionais atuais.

RELATO TÉCNICO

É essencial estabelecer de forma rigorosa o escopo desta intervenção. A proposta não se configura como psicoterapia de grupo nem como ação clínica voltada ao diagnóstico ou tratamento de transtornos. Trata-se, antes, de um espaço voltado ao suporte psicossocial e ao acolhimento intercultural, direcionado à promoção do bem-estar e à mitigação de fatores de sofrimento relacionados ao processo de adaptação. Alguns estudos, como Silva e Silva (2024) destacam a necessidade de repensar práticas educacionais e integrar suporte psicológico e emocional dentro das estruturas curriculares, uma vez que os alunos que relatam maior apoio são menos suscetíveis a sintomas severos de ansiedade, o que sugere que mudanças estruturais podem gerar um impacto positivo na saúde mental dos estudantes.

Na mesma linha, Santos (2023) aponta a importância de criar ambientes acadêmicos que promovam a saúde mental dos alunos por meio de sistemas de apoio mais robustos e integrados e propõe que as instituições de ensino integrem práticas de suporte psicossocial a seus currículos. Quanto ao acolhimento intercultural, uma das formas se dá através da inclusão social do estudante. “A inclusão implica o respeito e a valorização das diferenças e da diversidade, a promoção da educação com vistas na garantia dos direitos humanos” (Santana, 2018, p. 84). Limonge et al. (2016), citado por Ribeiro et al. (2019), seguem uma perspectiva semelhante e ressaltam que estamos em um contexto multicultural, onde a escola é um reflexo muito claro de nossa sociedade, portanto, torna-se necessário buscar entender os desafios que lá existem para que se possa respeitar as diferenças. Esses autores inferem que trabalhar de forma inclusiva e integradora com todos é um caminho que deve ser seguido para que se possa remodelar conceitos e entendimento de sociedade e permitir o acesso à educação, que é um direito de todos.

A originalidade da iniciativa reside em seu caráter híbrido ao articular um objetivo prático – a prática linguística, com uma função mediadora de cuidado e acolhimento em saúde mental. Nesse contexto, a participação de profissionais qualificados, como psicólogos ou assistentes sociais, tem por finalidade a moderação ética e técnica das interações, e não a condução de um processo terapêutico. Tal moderação é indispensável para assegurar um ambiente seguro, pautado na confidencialidade, na escuta ativa e no respeito mútuo. Assim, a intervenção propõe-se a ocupar o espaço intermediário entre um grupo de conversação voltado a prática linguística, que desconsidera dimensões emocionais e sociais, e um grupo terapêutico, já que a prática do português também será incentivada.

O sucesso da intervenção proposta neste PTT está condicionado à sua efetiva integração com a estrutura universitária, visando mitigar algumas lacunas que podem atrapalhar na adaptação e no bem-estar psicológico do estudante em situação de mobilidade internacional, como a carência de sistemas administrativos eficientes e políticas institucionais integradas (Ramos, 2018). O plano de ação subsequente foi estruturado em quatro fases e desenhado para operacionalizar o grupo de acolhimento de forma estruturada, cíclica e alinhada às demandas institucionais.

A primeira fase, Estruturação e Articulação Institucional, estabelece as fundações da intervenção. A etapa consiste na formação da equipe de moderação, priorizando a seleção de profissionais com formação em saúde mental (Psicologia, Serviço Social) e/ou com competência intercultural. Esta qualificação é essencial para o manejo ético e eficaz das demandas de sofrimento psicológico e baixa autoestima dos discentes (Guo; Chase, 2011). Concomitantemente, procede-se à articulação com setores-chave, notadamente a Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DRII) ou equivalente, e as coordenações dos programas de fomento (CAPES-PrInt, PEC-G). Esta parceria estratégica é vital para legitimar a ação, integrá-la aos fluxos institucionais e facilitar o acesso direto ao público-alvo. A fase se conclui com a definição logística, estabelecendo a periodicidade (sugere-se encontros semanais de 1h30), o formato (presencial, virtual ou híbrido, para garantir acesso e inclusão) e a alocação de um espaço que assegure um ambiente seguro e confidencial.

A segunda fase, Divulgação Estratégica e Captação, é desenhada para superar proativamente o "isolamento" em que muitos estudantes internacionais se encontram. Para tanto, será desenvolvido material de comunicação multilíngue (português, inglês, espanhol e francês, contemplando a diversidade do público). O material deve esclarecer o propósito do grupo como um lugar de acolhimento focado em bem-estar e integração, distinto de uma intervenção clínica formal. A disseminação utilizará múltiplos canais institucionais, combinando abordagens digitais (listas de e-mail das coordenações, redes sociais da universidade) com a presença física em locais estratégicos de alta circulação discente, como bibliotecas, restaurantes universitários e centros de convivência, assegurando ampla visibilidade e alcance.

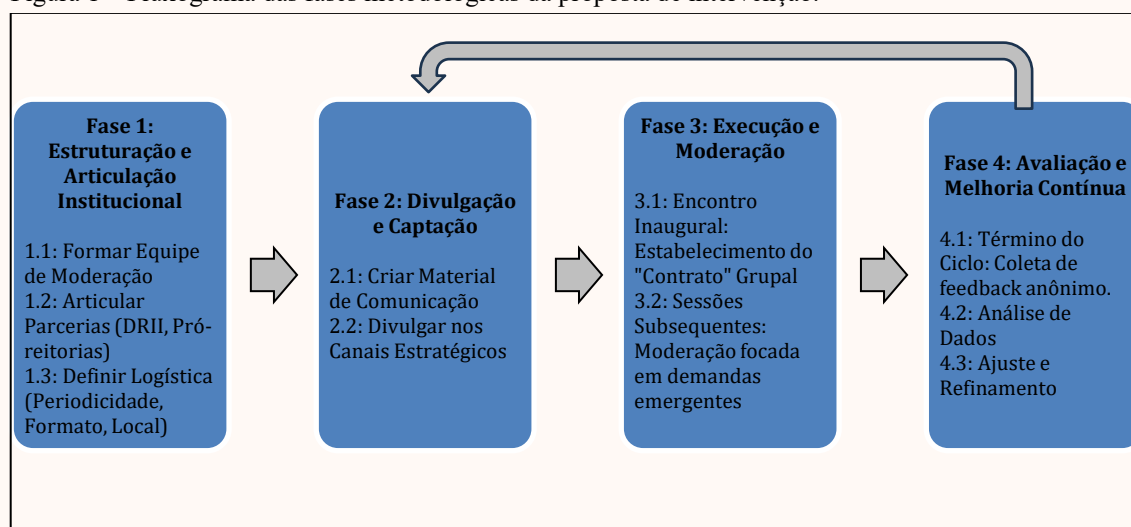
A terceira fase, Execução e Moderação dos Encontros, constitui o núcleo da intervenção. O encontro inaugural é dedicado ao estabelecimento de um "contrato" grupal. Neste momento, mediado pelos facilitadores, definem-se as regras fundamentais de convivência, como a confidencialidade estrita, a prática da escuta ativa e o respeito mútuo, criando as bases para um ambiente de confiança e partilha. Nas sessões subsequentes, a moderação será focada nas demandas emergentes. Embora o grupo opere como um espaço de "conversação" e prática do idioma, os moderadores qualificados guiarão as discussões para além da mera proficiência linguística. O propósito central

consiste em oferecer um cenário no qual os participantes possam expressar e elaborar as causas de seu sofrimento. A moderação qualificada guiará o grupo para que processem os fatores de vulnerabilidade (como preconceito, distância familiar e limitações financeiras) identificados no diagnóstico, bem como os desafios da adaptação cultural e acadêmica (Zembrzuski; Santos; Nihei, 2020).

Finalmente, a quarta fase, Avaliação e Melhoria Contínua, garante o caráter cíclico e a sustentabilidade social da proposta. Ao término de cada ciclo (sugestivamente semestral), será implementada a coleta de feedback por meio de formulários anônimos. Estes instrumentos visarão mensurar a satisfação dos participantes e o impacto percebido da intervenção em sua saúde mental, integração social e na mitigação das barreiras linguísticas. A análise e ajuste dos dados coletados permitirá à equipe de moderação reavaliar e refinar a abordagem, os temas ou a logística, assegurando que o grupo permaneça relevante, eficaz e adaptado às necessidades reais e emergentes dos estudantes internacionais.

Para proporcionar uma visualização clara da operacionalização da proposta, o fluxograma a seguir (Figura 1) detalha a sequência das etapas metodológicas. A estrutura delineia as quatro fases centrais da intervenção, desde a Estruturação e Articulação Institucional, passando pela Divulgação Estratégica e Execução dos Encontros, até a Avaliação e Melhoria Contínua, e evidencia o caráter cíclico do processo.

Figura 1 – Fluxograma das fases metodológicas da proposta de intervenção.



Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2025)

4. Discussão da qualificação do PTT

A elaboração deste PTT fundamenta-se nas fragilidades estruturais identificadas no Diagnóstico (Seção 2). Conforme demonstrado, apesar do avanço na mobilidade receptiva, persiste a lacuna de mecanismos eficazes de suporte administrativo, organizacional e psicossocial nas IES (Knight, 2020). A relevância do problema transcende a gestão, pois tal lacuna impacta diretamente a saúde mental dos discentes, gerando sofrimento e distanciamento dos demais estudantes (Zembrzuski; Santos; Nihei, 2020). Portanto, esta proposta é motivada pela necessidade premente de mitigar o impacto humano adverso que compromete a integração, a permanência e o sucesso acadêmico dos estudantes internacionais.

Espera-se que a implementação do "Grupo de Conversação focado em Saúde Mental e Bem-Estar" gere um impacto transformador em múltiplos níveis. No plano individual, o resultado direto para o estudante internacional é a mitigação da segregação e a promoção ativa da saúde mental. A iniciativa propõe-se a preencher uma lacuna de suporte psicossocial, estabelecendo um espaço de acolhimento seguro e confidencial. Esta estrutura de suporte é fundamental para reverter quadros de baixa autoestima e apatia, ao mesmo tempo que oferece um ambiente mediado por profissionais qualificados para a superação das barreiras culturais e linguísticas inerentes ao processo de mobilidade. Ao endereçar o sofrimento psíquico, o projeto contribui diretamente para a permanência, a integração efetiva e o sucesso acadêmico do discente.

RELATO TÉCNICO

No nível institucional, esse PTT oferece à universidade uma ferramenta prática, de baixo custo e alta eficácia para sanar uma deficiência estrutural em suas políticas de acolhimento. A implementação do grupo qualifica a política de internacionalização da IES, promovendo uma transição de um modelo historicamente focado em métricas de mobilidade para uma "abordagem inclusiva e acessível" (De Wit, 2019). Esta ação alinha a prática institucional ao seu discurso e aos compromissos globais assumidos, contribuindo diretamente para o avanço dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Destaca-se o impacto no ODS 4 (Educação de Qualidade), ao garantir condições de bem-estar para o aprendizado; no ODS 10 (Redução das Desigualdades), ao focar em um público vulnerável à marginalização; e no ODS 17 (Parcerias e Meios de Implementação), ao fortalecer a integração e a cooperação intersetorial dentro da própria universidade.

Finalmente, em uma esfera mais ampla, o impacto do PTT reside em sua contribuição teórica e prática para o campo da Sustentabilidade Social aplicada à internacionalização do ensino superior. A proposta inova ao tratar a internacionalização não como um fim em si mesma, mas como um vetor de justiça social e inclusão. Ao focar na dimensão humana e no acolhimento, o projeto ajuda a garantir que a mobilidade acadêmica se converta efetivamente em práticas inclusivas, equitativas e transformadoras (Barbieri, 2010). Ao superar a abordagem puramente quantitativa focada nos números de mobilidade, o grupo de conversação estabelece-se como um modelo replicável. Este paradigma redefine o êxito da internacionalização, deslocando o foco da avaliação para o seu impacto humano e social.

Nesse contexto, a implementação do PTT revela-se com elevado potencial de impacto e amplamente viável, uma vez que foi concebido como uma iniciativa que visa não haver incremento de custos à instituição, já que prevê a otimização de recursos da própria IFES, com utilização da mão de obra já contratada e utilização de espaço físico disponível. A proposta responde de forma direta à lacuna identificada, relacionada à falha no suporte psicológico aos alunos estrangeiros nas instituições, além de sua exequibilidade não depender de investimentos em infraestrutura física. O capital principal da ação reside na alocação estratégica de recursos humanos qualificados (moderadores com formação em saúde mental e competência intercultural) e na articulação institucional entre os setores. Ao fomentar a cooperação entre a Diretoria de Relações Internacionais (DRII), as Pró-Reitorias e as coordenações de curso, a intervenção otimiza a estrutura interna da universidade. Trata-se, portanto, de uma ação focalizada que supera a morosidade dos sistemas organizacionais complexos por meio da colaboração tática.

O potencial de replicação deste PTT é igualmente elevado, visto que os problemas endereçados não são peculiaridades de um contexto isolado. Conforme detalhado no Diagnóstico, os desafios estruturais, como as deficiências nas políticas de acolhimento e a carência de preparo intercultural, são recorrentes entre as IFES. De fato, Miranda e Stallivieri (2017) confirmam que estas são dificuldades partilhadas pela maioria das universidades públicas brasileiras em processo de internacionalização.

Por conseguinte, o modelo do "Grupo de Conversação" apresenta alta transferibilidade. Pode ser facilmente adaptado e replicado em qualquer IFES que receba discentes estrangeiros, especialmente aquelas vinculadas a programas de grande escala como o PEC-G e o CAPES-PrInt. A flexibilidade estrutural da proposta é sua maior vantagem, permitindo sua adequação a diferentes realidades institucionais, contanto que se mantenha o objetivo central de promover a saúde mental e a sustentabilidade social.

Assim, o caráter inovador deste PTT não reside na ferramenta de intervenção em si, o grupo de conversação, mas sim em sua ressignificação conceitual e aplicação estratégica no contexto da internacionalização universitária. A inovação é, primeiramente, de ordem teórica, ao mobilizar o arcabouço da Sustentabilidade Social para diagnosticar e endereçar o sofrimento psíquico discente. Esta abordagem transcende as visões tradicionais que enquadram o alheamento ou a baixa autoestima como questões de adaptação individual ou de ordem puramente clínica. De forma inédita, a proposta enquadra a ausência de suporte psicossocial como uma falha na dimensão social da sustentabilidade da própria instituição. Ao vincular o bem-estar estudantil diretamente aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 4, 10 e 17) e à justiça social, o PTT eleva o problema de uma questão meramente operacional; ele passa a ser uma questão estratégica de responsabilidade e sustentabilidade institucional.

A segunda dimensão da inovação manifesta-se na aplicação prática do dispositivo, que se configura como um modelo híbrido. O grupo proposto não se limita a ser um curso instrumental de língua portuguesa, que combateria apenas a barreira linguística, tampouco se constitui como um grupo de terapia clínica formal. A sua singularidade reside em utilizar a prática do idioma, um desafio objetivo e prático, como um veículo para o acolhimento focado em saúde mental. Esta abordagem mista representa uma resposta direta à complexidade dos desafios enfrentados, reconhecendo a interseção indissociável entre a dificuldade de comunicação e a necessidade de um espaço seguro para a verbalização e processamento de angústias subjacentes, como o preconceito, a discriminação, a distância afetiva familiar, além das dificuldades financeiras.

Quanto à complexidade desse PTT, pode-se perceber que não reside em sua exequibilidade operacional, notadamente de baixo custo, mas na densidade conceitual e na articulação intersetorial que sua concepção exige.

RELATO TÉCNICO

A proposta demanda a navegação em um sistema complexo que envolve múltiplos atores com papéis distintos: os estudantes internacionais (o público-alvo), a gestão universitária (IFES), cujas políticas tendem a apresentar deficiências estruturais de suporte, e as entidades externas de fomento (CAPES-PrInt, PEC-G). A dificuldade central está em propor uma ação que crie uma relação funcional, uma "ponte" de acolhimento e suporte psicossocial que conecte a esfera da gestão, apontada como distante, à experiência vivida pelo estudante.

Essa articulação é inerentemente interdisciplinar. O desenvolvimento do PTT exigiu a integração de conhecimentos de, pelo menos, três campos distintos para formar um diagnóstico coeso. Foi necessário mobilizar: (i) Gestão da Educação Superior e Políticas Públicas de Internacionalização, para analisar o contexto e as macropolíticas de internacionalização; (ii) Psicologia e Saúde Mental Intercultural, para identificar e compreender o problema central do sofrimento psíquico e os processos de adaptação; e (iii) Gestão da Sustentabilidade (Dimensão Social), que fornece o arcabouço teórico inovador que justifica a intervenção, conectando o bem-estar discente aos ODS. Portanto, a complexidade e a robustez do projeto residem em sua capacidade de integrar a análise de políticas públicas com um diagnóstico de saúde mental, sob a égide da sustentabilidade social.

Portanto, a criação do Grupo de Conversação em Português focado em Saúde Mental e Bem-Estar é uma ação estratégica e indispensável para as universidades públicas brasileiras. O diagnóstico demonstrou que o crescimento da internacionalização negligenciou o suporte psicológico, gerando distanciamento e reclusão. O grupo é uma inovação social que responde diretamente a essa lacuna, com ensino em oferecer o acolhimento necessário. Implementar esta proposta mostra-se uma forma prática e de baixo custo de mover a internacionalização de um indicador numérico para uma real prática de sustentabilidade social, garantindo que o bem-estar e a inclusão sejam pilares tão importantes quanto a excelência acadêmica.

Referências

- Barbieri, J. C., Vasconcelos, I. F. G. de, Andreassi, T., & Vasconcelos, F. C. de. (2010). Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições. *Revista de Administração de Empresas*, 50(2), 146–154. <https://doi.org/10.1590/s0034-75902010000200002>
- Carvalho, S. B. R. de, & Araújo, G. C. de. (2020). Gestão da internacionalização das instituições de ensino superior. *Avaliação: Revista Da Avaliação Da Educação Superior* (Campinas), 25(1), 113–131. <https://doi.org/10.1590/s1414-40772020000100007>
- Leão, B. L. F., Nogueira, F. A., & Castro, A. M. D. A. (2024). Internacionalização da Pós-Graduação no Brasil: O Programa Capes Print (2018-2022). *Rev. FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*. (Salvador), 33(73), 91–107. <http://educa.fcc.org.br/pdf/faceba/v33n73/2358-0194-faceba-33-73-0091.pdf>
- Claro, P. B. O., Claro, D. P., & Amâncio, R. (2008). Entendendo o conceito de sustentabilidade nas organizações. *Revista de Administração* (São Paulo), 43(4), 289–300. <https://revistas.usp.br/rausp/article/view/44483>
- De Wit, H. (2019). Internationalization in Higher Education, a Critical Review. *SFU Educational Review*, 12(3), 9–17. <https://doi.org/10.21810/sfuer.v12i3.1036>
- Gomes, M. F., & Ferreira, L. J. (2018). Políticas públicas e os objetivos do desenvolvimento sustentável. *Direito E Desenvolvimento*, 9(2), 155–178. <https://doi.org/10.26843/direitoedesenvolvimento.v9i2.667>
- Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras. (2025). *Sobre o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras*. <https://www.gcub.org.br/sobre-o-grupo-coimbra-de-universidades-brasileiras/>
- Guo, S., & Chase, M. (2011). Internationalisation of higher education: integrating international students into Canadian academic environment. *Teaching in Higher Education*, 16(3), 305–318. <https://doi.org/10.1080/13562517.2010.546524>
- Heinzle, M. R. S., & Pereira, P. (2023). Políticas de internacionalização em universidades fundacionais: produção intelectual, intercâmbio, currículo e internacionalização integral. *Ensaio: Avaliação E Políticas Públicas Em Educação*, 31, e0233354. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362023003103354>
- Knight, J. (2020). *Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios*. (2nd ed.). Oikos.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos de metodologia científica* (8th ed.). Atlas.

- Marrara, T. (2011). Internacionalização da Pós-Graduação: objetivos, formas e avaliação. *Revista Brasileira De Pós-Graduação*, 4(8). <https://doi.org/10.21713/2358-2332.2007.v4.132>
- Della Méa, L. G. T., Veiga, A. M. da R., & Bolzan, D. P. V. (2019). A Internacionalização da Pós-Graduação Brasileira: o caso de uma universidade pública. *Educação Por Escrito*, 10(1), e30340. <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2019.1.30340>
- Miranda, J. A. A. de, & Stallivieri, L. (2017). Para uma política pública de internacionalização para o ensino superior no Brasil. *Avaliação: Revista Da Avaliação Da Educação Superior* (Campinas), 22(3), 589–613. <https://doi.org/10.1590/s1414-40772017000300002>
- Morais, S. S. (2012). Múltiplos regressos a um mundo cosmopolita: Moçambicanos formados em universidades brasileiras e a construção de um sistema de prestígio em Maputo (Dissertação de mestrado). *Universidade de Brasília*. http://www.dan2.unb.br/images/doc/Dissertacao_290.pdf
- Nações Unidas Brasil. (2025). Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: ODS 17. <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/17>.
- Neves, C. E. B., & Barbosa, M. L. O. (2020). Internacionalização da educação superior no Brasil: Avanços, obstáculos e desafios. *Sociologias*, 22(54), 144–175. <https://www.scielo.br/j/soc/a/vd6H5x6RB56rrXkYzKDyGVB/?format=pdf&lang=pt>
- Oliveira, G. X. de, Vestena, D., Costa, C. R. R. da, Traverso, L. D., & Bichueti, R. S. (2020). INTERNACIONALIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES: ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA. *Revista Gestão E Desenvolvimento*, 17(1), 196–217. <https://doi.org/10.25112/rgd.v17i1.2020>
- Ramos, M. Y. (2018). Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos. *Educação E Pesquisa*, 44(e161579). <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201706161579>
- Ribeiro, S. B. C., & Oliveira, G. M. (2019). “¡Es muy difícil! ¡Es muy difícil!” Quando as barreiras linguísticas conduzem à margem: A necessidade de um acolhimento intercultural e de uma formação pedagógica em línguas. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 5(5). <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i5.1105>
- Santana, M. L. da S. (2018). Práticas pedagógicas na região de fronteira: uma olhar a partir de escolas de Ponta Porã. *Educação*, 43(1), 75–88. <https://doi.org/10.5902/1984644423299>
- Santos, F. A. dos, Zanardini, I. M., & Hotz, C. (2022). A internacionalização na avaliação da pós-graduação no Brasil: O papel da área de educação. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*. 30(36). <https://doi.org/10.14507/epaa.30.6532>
- Santos, F. Z. (2023). *Análise dos sintomas de ansiedade e depressão e seus desdobramentos preventivos entre os alunos do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Itapina*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Repositório institucional da UFRRJ. <https://rima.ufrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/12760/3/2020%20-%20Fabricio%20Zorzal%20dos%20Santos.pdf>
- Silva, L. D., & Silva, T. P. (2024). Análise de sintomas ansiosos em alunos concluintes do curso de enfermagem. *IOSR Journal of Nursing and Health Science*, 13(6), 35–43. <https://www.iosrjournals.org/iosr-jnhs/papers/vol13-issue6/Ser-3/G1306033543.pdf>
- Teixeira, L. I. L., Soares, M. E., Oliveira Júnior, M. A. C., Barroso, E. S. S., & Rodrigues, M. S. S. (2021). Internacionalizar para quê? As razões de instituições públicas de ensino superior no Ceará. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, 26(3), 800–821. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000300009>
- Trindade, M. J. F., Gaia, C. E., & Silva, J. B. C. (2023). Internacionalização da universidade pública na Amazônia: Reflexões sobre as experiências na pós-graduação da UFPA. *Revista de Estudos de Cultura*, 9(23), 143–166. <https://doi.org/10.32748/revec.v9i23.20576>
- Zembrzuski, L. J. P., Santos, C. M. R. C., & Nihei, O. K. (2021). Adaptação de estudantes universitários estrangeiros no Brasil: Revisão de escopo. *Pleiade*, 15(33), 20–34. <https://doi.org/10.32915/pleiade.v15i33.697>